

# **SOCIOPSIKODRAMA DO PAPEL DE PESQUISADOR:**

## **- da relação com o que se dá na experiência, a um rigor em construção**

**Marília J. Marino – PUCSP**

### **RESUMO**

Como compreender o(s) sentido(s) “do rigor” na pesquisa qualitativa? De quê falamos? Como cada um de nós, envolvidos no modo de ser pesquisador (lançados no papel social de pesquisador), a partir de nossa relação com o que se dá (o fenômeno), com o que nos acontece, lidamos com o que denominamos “rigor”? A proposta desta Oficina é nos aproximarmos da temática do IV SIPEQ de um modo vivencial e reflexivo. Resgatar indagações e experiências a partir do caminho do Sociopsicodrama, abordagem teórico-metodológica, criada por Jacob Levy Moreno (1889- 1974) e do convite a um aprender a “habitar” que nos faz Martin Heidegger (1889 – 1977) pensador do Ser e de ser. A atividade parte de um aquecimento que grupaliza e nos aproxima da temática, favorecendo a produção dramática, possibilitando um compartilhar/elaborar em que o ato sociopsicodramático se faz ato investigativo e pode se tornar pesquisa sistemática. Busca-se a construção de uma ciência fundada na condição humana em que o pesquisar já é assumido como um transformar-se dos envolvidos, abrindo caminhos para a compreensão e desenvolvimento da pesquisa qualitativa na modalidade da pesquisa-ação/pesquisa intervenção.

Palavras-chave: modo de ser pesquisador – aprender a habitar – co-criação sociopsicodramática

### **ABSTRACT**

How can we understand the meaning(s) of ‘rigor’ in qualitative research? What do we talk about? How does each of us – involved in the way of being a researcher (cast in the social role of a researcher), based on our relationship with the occurrence (the phenomenon), with what happens to us – deal with what we call ‘rigor’? The purpose of this Workshop is to bring us closer to the theme of the IV SIPEQ in an experiential and reflexive manner. To revisit questions and experiences by following the path of Sociopsychodrama, a theoretical and methodological approach created by Jacob Levy Moreno (1889- 1974), and the invitation to learn to ‘dwell’, made by Martin Heidegger (1889 – 1977), the thinker of Being and of being. The activity starts with a warm-up that brings us closer to the theme, favoring dramatic production, and allowing some sharing/development in which the sociopsychodramatic act becomes an investigative act and may become systematic research. The aim is to build a science based on the human condition in which researching is understood as a transformation of those involved, making way for understanding and developing qualitative research in the form of action research/intervention research.

Keywords: way of being a researcher – learning to dwell – sociopsychodramatic co-creation

**INTRODUÇÃO** - Em nossa caminhada como educadora/pesquisadora - psicodramatista, a busca pela aproximação entre Heidegger (1927) e Moreno (1959) tem sido uma constante. O primeiro nos remete à questão de *Ser e Tempo* - ser se dá no tempo em relação ao *sido, ao sendo e ao vir a ser*, isto é, à existência (*ec-sistere*). Considerando o movimento da condição humana entre os modos de ser da impropriedade (o todo mundo é assim) e o da propriedade (o ser si mesmo), como caminhar em direção ao “rigor”, à luz de uma “ciência que medita” – proposta heideggeriana? O segundo nos remete ao desafio de cultivar *Espontaneidade* –

*Criatividade*, modo de ser que nos chama ao *momento*, e nos convida assim, a um “aprender a habitar” a nossa condição humana. Considerando Moreno como um dos precursores da pesquisa qualitativa participativa, na modalidade da pesquisa-ação/ pesquisa intervenção, comprometida com a transformação pessoal-social, sua abordagem teórico-metodológica, pode nos ajudar a caminhar em direção “ao rigor” buscado? Que atitudes, modos de agir precisamos cultivar? Dando continuidade a estas buscas e reflexões, a intencionalidade desta Oficina desdobra-se em três perspectivas:

. Possibilitar aos participantes envolvidos no modo de ser pesquisador, vivência e reflexão sobre os sentidos do rigor na investigação qualitativa a partir de suas experiências e marcos teóricos.

. Caminhar em direção à construção de uma ciência fundada na condição humana, voltada para um “ser – vir” pessoas e grupos, tendo Heidegger (pensador do Ser e de ser) e Moreno (fundador do Psicodrama), como parceiros de pensamento e do “cuidado” no modo de ser pesquisador.

. Experienciar um ATO Sociopsicodramático como caminho de investigação que se sistematiza na elaboração do protocolo (descrição e reflexão) no movimento de se operar, do registro a sua construção.

**BASES TEÓRICAS** - A abordagem assumida nesta Oficina, pauta-se pela confluência da perspectiva de co-criação psicodramática e a fenomenologia existencial hermenêutica, guardados os *planos* em que se desenvolvem. Antes de sua explicitação, exercitemo-nos no pensar Heideggeriano.

Ouçamos Heidegger:

Investigar é querer - saber. Quem quer, quem empenha toda a sua existência numa vontade, esse está abertamente re-solvido. A decisão nada posterga, não nega, mas age a partir do instante e sem cessar. O estar abertamente re-solvido não consiste simplesmente em decidir-se a agir, mas é o princípio decisivo do agir, que antecipa e atravessa toda ação. Querer é estar abertamente resolvido....

Saber, porém, significa: poder manter-se na verdade. Essa é a manifestação do ente. O saber é por conseguinte: estar na manifestação do ente, suportá-la. Possuir simples conhecimento não é saber....E por quê? Porque não possui saber, pois saber significa: poder aprender.

O poder-aprender supõe o poder-investigar. Investigar é o querer-saber esclarecido acima: a re-solução de abrir-se a um poder-suportar a manifestação do ente. (HEIDEGGER, 1966:60-61)

Partimos em busca do sentido de investigar. Só à luz desse desafio, podemos encontrar *sentidos* para o que possamos entender como “rigor” na pesquisa qualitativa. Reportamo-nos à pesquisa concluída em nossa tese de doutorado “Vir a ser Psicodramatista – um caminho de singularização em co-existência” (MARINO, M. PUCSP, 2002) em que trabalhamos os dizeres de Heidegger e fertilizamos o encontro com o Psicodrama, retomando sua origem existencial. É neste trabalho anterior que se fundam as bases teóricas da presente Oficina – uma busca da explicitação do papel de pesquisador e a re-significação deste modo de ser, cujo “rigor” – entendido como lisura ética e um modo de nos relacionarmos com o conhecimento, nos convida a um *aprender a habitar*, tendo o zelo, o cuidado, a solicitude como cultivo, para seu alcance. Aí reconhecemos o fenômeno da *espontaneidade-criatividade* apontado pelo Psicodrama.

Retornemos a Heidegger para pensarmos “o investigar” – solo em que brota o papel de pesquisador.

Ao invés de nos colocar diante de uma definição fechada, como procede o pensamento representativo-conceitual, que substantiva a coisa em questão para o conhecimento de algo, Heidegger nos surpreende com seu pensar meditativo, que se movimenta num círculo compreensivo-interpretativo, marcado pela força verbal das palavras: *querer-saber*. No *querer*, fala o empenho da existência numa vontade de estar abertamente re-solvido a, de decidir-se a agir que projeta (antecipa e atravessa) toda a ação. No *saber*, refere-se não ao domínio de conhecimento como posse, mas fala do *poder aprender* a estar na e suportar a manifestação de algo, portanto um *poder investigar* - o ser lugar que possibilita o mostrar-se de alguma coisa - o que requer manter-se na verdade - um deixar ser. Retomemos suas palavras finais: "re-solução de abrir-se a um poder suportar a manifestação do ente". Em vontade fala a re-solução de abrir-se ao que vem ao encontro num deixar ser. Um habitar. Um poder aprender a cada tomada de medida: na vida, na pesquisa sistemática, no fazer educacional, no fazer psicoterapêutico.

Estado de re-solução, um projetar-se ao modo de ser em autenticidade existencial. Investigar, como querer-saber que funda o poder aprender a postar-se e a suportar o que se manifesta. Abrir-se a um deixar ser, recolhendo a presença do que se presentifica como algo. Experiência que marca aqui o pensar “rigoroso” na pesquisa qualitativa, no caminho a partir do que o Psicodrama se faz anunciar: o convite para o cultivo do modo de ser *poeta - dramaturgo*.

Parte-se de um assumir o círculo hermenêutico - círculo compreensivo-interpretativo em que "compreender", "encontrar-se" (como estado afetivo) e "fala" são *a abertura* de ser-no-mundo, no recolher o que acontece, sempre de um lugar, uma situação, *uma cena* onde se está: o aí (o *da* em alemão), mundo-palco do ser-aí: *dasein*, cada um de nós. Movimento de retorno sobre si, na produção de saber, em que a abertura é experienciada, portando e su-portando o que cabe clarear. (MARINO, 1992)

O desafio é tecer um caminho por *entre* campos do saber herdadas da modernidade, filosofia, ciência, arte, na busca orientada por um querer- saber que se abre à manifestação do que se dá, do lugar de uma prática profissional no modo de ser pesquisador, que se quer *meditativa*, que busca o habitar (*Bauen*), pondo-se na vizinhança do ser. Aqui, os territórios da filosofia, ciência e arte se entrecruzam no tomar em consideração: mundo, homem e palco. Atores sociais em nosso ser-no-mundo. Compreendido à luz de Heidegger, remete-nos a pensar o sentido de “no” (em o). A relação ser (verbo) e mundo, não fala de continência, mas de co-pertença entre ser e homem. Não um dentro, mas um “junto de”, “junto com”, morada que conta de um ir sendo num nexo de sentido(s), num abrir-se. Na distância de seu ser, no perdido entre as coisas, em pré-ocupação inautêntica, enrijecido num repetir-se cristalizado, ou na proximidade de seu ser, apropriando-se de suas possibilidades no zelo autêntico pelo que se dá - em re-solução singular - um habitar sua abertura, compromissada com o mundo. (HEIDEGGER, 1973)

Divisamos a possibilidade de um re-conhecer que funda o ser espontâneo-criador Moreniano, no desempenhar papéis (modos de ser) no *palco do mundo*, no *entre* desse movimento da condição humana. Movemo-nos em meio às "conservas culturais" enquanto obras e modos de ser já dados para nos construirmos em nossa humanidade, mas corremos o risco de uma condenação à repetição e ao perdido de si no "a gente", se não nos cultivarmos como lugar de encontro de Ser e homem, abertura para revelação e transformação da existência em novas possibilidades de ser, de pro-duzir, sempre um pro-duzir-se, singularizar-se.

Martin Heidegger, filósofo (1889 – 1976) é considerado um dos maiores pensadores do século e com in-sistência nos aponta a morada do homem na co-pertença com o ser, convocando-nos a habitar a diferença ente – ser, esquecida pela Metafísica. É o propositos de um caminho para o pensamento meditativo do que é o mais próximo: ser e que no entanto está esquecido na voracidade do "sujeito" moderno em sua ânsia de dominar as coisas, de dominar a terra no calcular para que todas as coisas entrem em sua expectativa. A nosso ver, desconstrói a ilusão de que “rigor” possa advir de algum “procedimento mágico”. Funda-se na abertura do *dasein*, em “seu ser verdadeiro”, no recolher “o que se dá”, num *habitar*, que explicita seus pontos de partida e se abre ao pensar meditativo.

Jacob Levy Moreno, médico – educador – psicoterapeuta (1889 – 1974) é considerado o criador do Psicodrama, da Sociometria, da Psicoterapia de grupo – uma abordagem em ciências humanas portadora de uma Visão de Mundo. Mais conhecido pelo Método de Ação que propôs do que pela rede conceitual que desenvolveu. Esta se apresenta colada à sua autobiografia, de homem voltado para a promoção de relações mais saudáveis entre os homens. Sua in-sistência: assumirmo-nos em nossa espontaneidade – criatividade – o divino em nós. O caminho proposto: trazer psiquê para o *palco*. Pesquisar tem o sentido de assumirmos com radicalidade nosso envolvimento com o que acontece.

Busca-se o tornar-se sensível ao apelo do ser que Heidegger pontua e em experienciar no caminho do Psicodrama esta abertura encarnada ao ser, como espontaneidade – criatividade.

Ser-no-mundo ao modo espontâneo-criativo - exercício de transcendência que sabemos também tolhida pela nossa facticidade, pela finitude da condição humana. De onde recebe seu fundamento? Num deslocamento do pensar metafísico, Heidegger trabalha a essência do fundamento, na *liberdade*. Esta não é entendida mais como "propriedade do sujeito", como o livre arbítrio consagrado pela modernidade, mas como a abertura de ser-no-mundo, transcendência - lugar da espontaneidade- criatividade, conceito fundante do Psicodrama. Trabalhar espontaneidade-criatividade, não como propriedade do sujeito, mas como abertura ao ser, traz uma nova chave para a obra de Moreno que a desenreda de alguns comprometimentos causalistas e a devolve aos seus fundamentos existenciais.

No primeiro Heidegger, até a publicação de "Ser e Tempo" (1927), esclarecemos-nos sobre *ser*, como infinitivo de *eu sou*. No segundo Heidegger, após "Sobre a essência da Verdade" (1943), *Ser* é pensado como o *dar-se da presença* que se mostra como isto ou aquilo. Cuidamos do "isto" ou "aquilo" e nos esquecemos do dar-se. Perdemos-nos da diferença ontológica entre ente e ser. Entificamos, cristalizamos a nós mesmos e às coisas, esquecendo-nos do desdobrar-se, onde o visível são os entes remetidos à abertura do ser-aí, como existência, (*ek-sistere*), atravessada por um transcender - ultrapassar o imediato.

O convite para aprender a habitar no desenraizamento, fala de um assumir a finitude e ao mesmo tempo abrir-se ao apelo do Ser - este se faz ouvir quando nos pomos à escuta do modo de relação que estabelecemos conosco mesmos e com as coisas. O *Ser* é a relação. A estrutura *ser-no-mundo*, existencial fundante do ser-aí, presente em nossa questão, traz a lembrança de que estamos sempre em modos de ser, do qual guardamos alguma compreensão. Mundo então é o *horizonte de ultrapassagem, o em-vista-de-quê*, nos comportamos enquanto ser-aí humanos. Podemos perdermo-nos na entificação do pronto do *a gente*, ou assumirmo-nos nas nossas possibilidades mais próprias de ser si mesmo, num caminho de singularização.

O filósofo desdobra seu pensamento e sua rede conceitual no plano ontológico: o plano onde se investigam as condições de possibilidade do dar-se das coisas. Lida de modo original com o lema da fenomenologia: *ir às coisas mesmas*. Aqui o "real" não se dá como objeto ao qual se opõe um sujeito dotado de uma consciência, mas como *fenômeno* - um mostrar-se, um aparecer que se dá na juntura de ser e homem. Como encontro de ser e homem, o ser-aí, se desdobra em modos de ser.

É à luz de sua *existência*, como o que importa ser, como abertura ao *Ser*, embora na maioria das vezes velados para nós mesmos, que nos voltamos para o que cabe conhecer, também um modo de ser. No movimento de retração do *Ser* que nos põe sob a face visível dos entes, nessa tendência ao encobrimento do *Ser* e do ser-aí, cabe caminhar numa compreensão-interpretativa, em que o desocultamento de sentido(s) nos faz, à medida que avançamos em direção à algo, retroceder sob nossos passos em busca do seu horizonte de possibilidade, explicitando o ponto de partida. Compreender algo, nos joga num movimento circular que faz parte do *projetar-se* do ser-aí. O projetar-se não se faz sem supostos, mas só no caminhar os explicitamos, apropriando-nos deles no discurso interpretativo. Não temos caminhos prontos para ter acesso a algo. Para conhecer o que quer que seja, é fundamental construir o acesso a cada vez, num *deixar ser*.

O pensamento Moreniano brota do lugar de se fazer ciências humanas. Põe-se como abordagem teórico-metodológica psicodramática. Em nosso caminhar que se pretende meditativo, vimos que tem como questão construir novas relações: entre os homens e do homem consigo mesmo, onde a direção é dada por um recolher *vida em cenas, encontrando novas*

*possibilidades de ser*. No palco psicodramático é possível explicitar o drama em que estamos enredados no palco social, quebrando as conservas culturais, resgatar a *espontaneidade-criatividade*, de cada um de nós, *atores sociais, jogando papéis*.

O plano onde se move o médico educador psicoterapeuta é o da lida com as questões da saúde, da educação, da investigação de temas da cultura, em que as primeiras se enredam e onde se tecem *Dramas*, nossos como *socis* e de cada um. É com a existência (subsistência) concreta que Moreno está preocupado. Joga-nos no plano dos entes. Trabalha no plano ôntico (coisas, comportamentos, palavras, o fenomênico que nos cerca), mas, ao alertar-nos sobre como nos relacionamos com o que está aí, chama-nos à uma *desocultação*. Como um saber construído na modernidade, compreendemos sua produção como: Uma "Filosofia" (como visão de mundo) em que a Vida tem o lugar central e o horizonte que se coloca para o homem é o de resgatar continuamente a espontaneidade-criatividade e, aqui, nos encontramos com o *movimento de transcendência-ultrapassagem em que o ser-no-mundo está, como abertura ao Ser*. Uma Ciência que articula Teatro-Psicologia-Sociologia, reunidos no Projeto da Socionomia. Aqui está em pauta um aprender e reaprender a lidar com os próprios papéis. Estes *regionam* âmbitos, nos quais nos lançamos em *relação* e ganham concretude nossos *modos de ser*. Uma Arte, não como mera expressão estética, mas como convite a se fazer da existência uma obra de arte singular: *aesthesis*, como abertura à sensibilidade. As ferramentas metodológica-técnicas, tendo a *cena* que se investiga na *dramatização* como eixo, permitem que os corpos se façam linguagem no reencontro com *mundo* onde se movem: possibilidade para um genuíno *fazer habitar (poièsis)* no resgate do movimento de fuga que o ser-aí humano sempre está. (MORENO, 1974). Alerta-nos que são inseparáveis *ser e conhecer*. (MORENO, 1983).

É neste horizonte que se pensa o papel de pesquisador, em que estamos nos referindo a um modo de ser, reafirmado na caracterização do ator social em sua essência (um acontecer) como ser-no-mundo (sua existencialidade que remete à *episteme e a ethos*).

*Episteme* repousa numa consideração acerca de estarmos *diante dos entes (as coisas) em sua totalidade* (em cada situação) de uma determinada maneira, para viver-conhecer. Buscar as condições de possibilidade para o conhecer, implica na construção de um caminho de acesso ao "real". (HEIDEGGER, 1998). A *episteme psicodramática*, supõe então, um modo de se relacionar com sentido do *Ser* e de *ser*, nas palavras-limite: *Vida, espontaneidade-criatividade, espaço imaginário do "como se"*. Moreno não é filósofo profissional. Do lugar pragmático que ocupa no mundo, seu projeto é possibilitar que cada homem e todos nós, lidemos de modo mais sábio com nossa condição humana. Constrói um saber que se pretende científico, legando-nos ferramentas conceituais e instrumentais. O conceito de espontaneidade-criatividade é trabalhado sob diferentes perspectivas ao longo de sua vida, deslocando-se do âmbito filosófico inicial para o âmbito científico-operacional e, ao final de sua obra, é re-enviado à dimensão existencial. Caminhar em direção à *espontaneidade-criatividade*, implica em "um começar por si mesmo" - como abertura ao ser, em que nos singularizamos e podemos fertilizar a co-existência na construção de um mundo compartilhado em que se assenta "o ser pesquisador" cultivando zelo, cuidado, solicitude (um *ethos*) na busca de pensar com radicalidade – um ir às raízes do que se apresenta e no quê, com o quê, estamos implicados. *Cabe aprender a habitar*.

**DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE** - O trabalho seguirá os passos de um encontro sociopsicodramático.

**Aquecimento:** Receber os participantes, anunciar a proposta e levantar suas preocupações. Eleger uma ou mais pessoas para assumir o papel de registrador (escrita/ fotos/ filmagem, solicitando a permissão do grupo). Após um aquecimento corporal, solicitar o visitar o "filme" de suas experiências como pesquisador. Focar uma delas e montar grupos pela similaridade. Trocar as experiências e preparar uma ação expressiva (imagem ou cena concreta).

**Dramatização:** Apresentar as expressões dramáticas. Após as apresentações, o grupo será mobilizado a escolher uma delas para a intervenção da direção, partindo das técnicas básicas do psicodrama: solilóquio, duplo, espelho, troca de papéis...

**Compartilhar/ elaborar:** Nesse momento todos os presentes compartilham o vivido e após o levantamento das temáticas centrais sugidas, partiremos para o "processar".

**Processamento:** Apresentação do registro escrito e comentários/reflexões acerca do que envolve a construção do protocolo.

Com a adesão dos presentes, a proponente compromete-se a trabalhar os dados que surgiram e re-enviar a todos para uma co-construção coletiva.

## **BIBLIOGRAFIA**

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Parte I. e II. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis, R.J., Vozes, 1988 e 1989.

\_\_\_\_\_. Sobre o “Humanismo”- Carta a Jean Beaufret, Paris, in *Os Pensadores*. Trad. e Notas de Ernildo Stein. São Paulo, Abril S. A. Cultural, 1973. V. XLV.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Metafísica*. (Preleção de 1935) Trad., Introd. e Notas de Emmanuel Carneiro Leão. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1966.

\_\_\_\_\_. *Heráclito: a origem do pensamento ocidental*. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1998.

MARINO, M. J. *O Acontecimento Educativo Psicodramático: encontro entre Heidegger, Moreno e uma psicodramatista educanda educadora*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação da PUCSP, 1992.

\_\_\_\_\_. *Vir a Ser psicodramatista: um caminho de singularização em co-existência*. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Psicologia Clínica da PUCSP, 2002.

MORENO, J. L. *Fundamentos do Psicodrama*. São Paulo, Summus Editorial, 1983.

\_\_\_\_\_. *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Trad.: Maria Sílvia Mourão Neto. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1974.